

## A CONSTRUÇÃO DO FEMININO E DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

ZILÁ BERND

Quem fala (na narrativa) não é quem escreve (na vida real)  
e quem escreve não é quem é.<sup>1</sup>

Aceitar como verdadeira esta afirmativa de R. Barthes nos levará forçosamente a desvincular a obra de seu produtor da vida real (*scripteur*) e deverá permitir que defendamos a tese de que não é preciso ser mulher para produzir uma escritura feminina. É preciso, contudo, *situar-se como mulher* para que o texto apresente uma dicção própria reveladora de uma *intenção* de construir um discurso feminino.

Adaptando as conclusões a que cheguei estudando a literatura negra no Brasil, podemos afirmar que o conceito de escritura feminina — ou discurso literário da mulher — não se atrela apenas ao sexo do autor, nem à temática utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu enunciador* que assume sua condição de mulher. Para nós este conceito só é viável se associado às características discursivas da obra: assumir a condição feminina e construir um discurso do ponto de vista da mulher parecem ser os fatores que nos autorizariam a classificar uma obra como literatura feminina.

A escritura feminina é, pois, o resultado de uma dupla conquista: a da identidade e a da escritura que, segundo Beátrice Didier, “são as duas faces do mesmo processo de afirmação de seu ser em uma sociedade que tende a destruir sistematicamente tanto a identidade quanto a criatividade da mulher”.<sup>2</sup>

Os mecanismos que regem a construção do discurso literário feminino correspondem ao que Deleuze e Guattari<sup>3</sup> chamam de *reapropriação* de territórios culturais perdidos, vinculando-se a noção de *território* ao conjunto dos projetos e das representações de um grupo. Deste modo, o fazer poético passa a ser equivalente a um processo de reterritorialização, ou seja, a uma tentativa de recomposição de um sistema próprio de representações. A escritura feminina tem, portanto, sua gênese no desejo de reparar sucessivas perdas e defasagens criadas pela inserção da mulher num universo que não a tem convocado a participar de sua organização.

Zilá Bernd é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup>BARTHES, R. Introduction à l'analyse structurale du récit. In: *Poétique du récit*. Paris, Seuil, 1977. p.40

<sup>2</sup>DIDIER, B. L'écriture-femme. Paris, PUF, 1981. p.189.

<sup>3</sup>GUATTARI, F. & DELEUZE, G. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

Nesta medida, a escritura feminina se dá a conhecer ao mundo por sua característica revolucionária, pois instaura um questionamento sistemático da ordem e da ideologia sobre as quais repousa nossa civilização.

Gostaria de propor uma reflexão sobre a construção simultânea, na literatura negra brasileira atual, das dimensões identitárias feminina e negra, apontando as áreas de tensão criadas por esta dupla construção verificável no nível do discurso poético.

Abra-se um parêntese para a definição do conceito de identidade como processo, isto é, como dinâmica que constrói e se desconstrói no próprio percurso de seu engendramento. Neste sentido, identidade não é um alvo a ser atingido, mas se atualiza como síntese inacabada. Onde a metáfora do *mosaico* em que várias partes se agregam para constituir o todo. Assim, um mesmo indivíduo pode estar ao mesmo tempo interessado em trabalhar mais de uma dimensão de sua identidade. Por isso, citaremos o caso de uma autora do movimento negro brasileiro empenhada, ao mesmo tempo, em resgatar sua condição negra e feminina.

Trata-se da poeta paulistana Miriam Alves em cuja obra a identidade negra é buscada sem anular a identidade feminina: a decifração de si mesma passa pela indagação de seu papel na sociedade ao mesmo tempo como negra e como mulher e este processo se atualiza pela escritura.

O ser oprimido aqui é o negro, mas também a mulher, independentemente da cor da pele. Assim, sua poesia deixando de enclausurar-se na construção de uma única dimensão identitária, abre-se ampliando sua recepção. Revertendo o simbolismo tradicional do mundo ocidental, onde a noite é o espaço das trevas, do mal e da solidão, Miriam Alves transforma a noite em “festa de galos” onde devem ser cantadas “cantigas de acordar”. Sua poesia, portanto, convoca à vigília e não ao sono, à fala e não ao silêncio, à conscientização e não à alienação. No bojo da noite, a poeta desvenda a virtualidade da esperança, do renascimento, da resolução de si própria. Só a escuridão da noite permite que alcancemos as estrelas.

Ali onde a noite é festa de galos  
ali derrete-se o silêncio  
cantigas de acordar

Em muitos poemas, Miriam Alves identifica-se com Iansã, deusa dos ventos, senhora dos raios e das tempestades. Segundo Pierre Verger, as pessoas ligadas a Iansã (no sincretismo brasileiro, Santa Bárbara) se caracterizam por serem poderosas e audaciosas, alternando instantes de absoluta felicidade ao lado de momentos de grande exasperação e ira. Jamu Minka, um dos companheiros de Miriam Alves no grupo literário Quilombhoje de São Paulo, afirma que a autora é a voz das raivas de Iansã, “a voz como o vento varrendo volumes da vida doente. E todas as dores virando versos e vozes de tantos timbres reforçam sua veia poética com o sangue novo de opções pro coração do futuro”.<sup>4</sup>

<sup>4</sup>MINKA, J. Prefácio. IN: ALVES, M. *Estrelas no dedo*. São Paulo, Ed. dos Autores, 1985.

Fazer canções  
negros pintos  
retumbando  
cantigas de acordar

A poeta crê que irá se instituir pela palavra poética. O discurso poético tem o poder de realizar a catarse e de fundar uma nova ordem de coisas. Nesta medida, contrariamente à tendência moderna e pós-moderna de descrença no poder da palavra, a linguagem de Miriam Alves muito se aproxima da linguagem mítica que não é um discurso possível sobre a realidade, mas é o único discurso possível sobre a realidade, devido a seu caráter fundacional.

Em sua poesia tudo converge para a idéia de reconstrução, mesmo quando ela reconhece sua condição dilacerada, como no poema "Pedacos de mulher". Todo o trabalho poético é no sentido da reconstrução, da busca incessante de rejeição da atual condição de submissão e alheiedade.

Mulher - retalhos  
a carne das costas secando no  
fundo do quintal  
presa no estendal de seu esquecimento  
Mulher - revolta  
Agito-me contra os prendedores  
que seguram-me firme neste varal  
Eu mulher arranco a viseira da dor enganosa  
(In: Estrelas do dedo. São Paulo 1985).

O eu individual interpreta quase sempre o eu coletivo e sua poesia transforma-se numa convocação às mulheres da comunidade negra: a luta contra a reificação da mulher, presa no varal como as peças de roupas que acabou de lavar, levará ao paulatino processo de reapropriação de sua identidade e à conseqüente restauração de sua dignidade humana.

E é este axé (energia vital) que recebeu de Iansã que viabiliza sua crença no futuro:

Um dia o futuro virá  
trazendo estrelas no dedo  
mel nos lábios  
esperanças nos pés

Diferentemente das escritoras norte-americanas que não se envolvem diretamente no movimento negro que de certa forma as alija da ação política como se isto fosse prerrogativa do sexo masculino, as escritoras brasileiras participam ativamente principalmente dos grupos literários. O melhor exemplo é o grupo *Quilombohoje* de São Paulo no qual as mulheres associam suas vozes à denúncia comum do preconceito e da discriminação raciais sem deixarem de veicular a especificidade da problemática feminina.

A própria Miriam Alves num prefácio à última antologia publicada pelo grupo, em 1988, expõe a sua participação no grupo e o que a literatura representa para ela - mulher negra brasileira - : "É difícil e fácil ser negro escritor nesta país, fugindo sempre das ciladas. Criam-se Quilombos, lembrando Palmares, para discutir estas questões fundamentais para a vi-

vência de nossa literatura. Várias vezes temos este Quilombo confundido com Gueto. Esquecem que Quilombo a princípio é o lugar em que a democracia para a Liberdade é exercida com resistência e criatividade. No Quilombo existem ramificações numa grande rede de comunicações e espionagem que sobe e desce morro e invade cidades num fortalecimento da causa e não na morte da causa".<sup>5</sup>

A originalidade da criação literária feminina manifesta-se também na tentativa de reconstrução de uma antiépica. Enquanto os homens exaltam as figuras masculinas da história negra até então condenadas ao esquecimento e à marginalidade, Miriam Alves vai sutilmente resgatar uma heroína - Luiza Mahin -, líder da revolta dos malês que ocorreu em 1835, na Bahia:

Ouve-se nos cantos a conspiração  
vozes baixas sussuram frases precisas  
escorre nos becos a lâmina das adagas  
Multidão tropeça nas pedras  
revolta

há revoada de pássaros  
sussuro, sussuro:  
"é amanhã, é amanhã"  
A cidade toda se prepara  
Malês, bantus, gegês, nagôs  
vestes coloridas resguardam esperanças  
aguardam a luta

Arma-se a grande derrubada branca  
a luta é tramada na língua dos orixás  
"é amanhã, aminhá"  
sussurram malês, gegês, bantus, nagês  
"é aminhá, Luiza Mahin falô".  
(Miriam Alves. "Mahin Amanhá". In  
*Cadernos Negros*, 1986, p.46)

Configurando-se como uma épica ao avesso, pois não exalta os vencedores, mas os vencidos, o poema funda uma ordem nova na qual a mulher escrava derrotada neste episódio conhecido como Guerra dos Malês ou Revolta dos Alfaiates é lembrada e transformada pela magia do discurso poético de subversiva e fora-da-lei, como é representada pela Historiografia Oficial, em heroína. O resgate deste e de outros mitos irá constituir o manancial necessário sobre o qual o processo de construção identitária se fundará, cabendo à poesia o papel de mediadora privilegiada deste processo.

Luiza Lobo, em artigo sobre *Literatura negra brasileira contemporânea*<sup>6</sup>, destaca a participação das mulheres escritoras neste processo e afirma que as mulheres negras, embora tenham maior dificuldade de afirmação social, por serem duplamente discriminadas, no plano literário elas "têm buscado uma posição radical para a busca de sua identidade, onde ousam mais porque já sofreram mais e porque já não têm mais nada a perder".

A linha que separa opressão sexual, racial e social é tão tênue que se torna difícil, além de inútil, tentar ver qual a predominante. Por isso, ten-

<sup>5</sup>ALVES, M. *Cadernos Negros*, 11. São Paulo, Ed. dos Autores, 1988. p.14.

<sup>6</sup>LOBO, L. *Literatura negra brasileira contemporânea. Estudos afro-asiáticos*, 14. Rio de Janeiro, Centro de Estudos afro-asiáticos, Cândido Mendes, 1987. p.109-140.

amos, a partir do exemplo da produção poética de Miriam Alves, comprovar a hipótese de que mais de uma dimensão identitária podem coabitar o mesmo espaço sem se excluírem mutuamente, mas, ao contrário, orquestrando-se de modo a atuar como um sinergismo contra as forças devoradoras da assimilação e da opressão.

Sem esquecer a bissexualidade presente em todos os seres e sobretudo nos escritores, como sublinha Béatrice Didier, é possível afirmar que as mulheres foram responsáveis por uma renovação radical da escritura contemporânea. Não podemos, contudo, cair numa armadilha de acreditar que as linguagens (masculina e feminina) sejam incomunicáveis.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup>DIDIER, B. Op. cit. p.39.